

A brincadeira e o aprendizado

Doutor em Saúde, Carlos Alberto de Mattos mostra como a brincadeira age no desenvolvimento psíquico e prepara a criança para o aprendizado

CARLOS ALBERTO DE MATTOS

Psicólogo e psicanalista



Mudar a compreensão do que é brincadeira e mostrar aos pais que brincar é coisa séria é o desafio que se coloca para os educadores contemporâneos, imersos em uma sociedade marcada pela competitividade e onde a agenda das crianças é preenchida com atividades direcionadas para o desenvolvimento.

“Vivemos em uma sociedade de metas e a ideia das metas é tirar o máximo de cada pessoa para atingir objetivos inalcançáveis. Isso faz com que as pessoas fiquem cada vez mais ansiosas e estressadas. Hoje, há uma exacerbação do individualismo que leva ao distanciamento do outro”, alertou Carlos Alberto de Mattos, doutor em Saúde, psicólogo, psicanalista e psicomotricista, em sua palestra “A Importância do brincar na escola”.

Durante a apresentação, o especialista levantou algumas questões sobre a importância da brincadeira, como “por que o brincar centrado no sujeito vem perdendo espaço no cotidiano infantil?” e recorreu às ideias de Lev Vygotsky, teórico do ensino sobre o processo social, e Donald Winnicott, médico inglês que enfatizou o valor do brincar, para destacar a importância do lúdico na aprendizagem.

Logo no início, o especialista mostrou a relação da brincadeira na infância com a construção do sujeito. “O que vamos chamar de cons-

ciência no futuro é vivido em ato e qual a ação que o indivíduo tem na infância? É a brincadeira”, disse, explicando que, segundo Vygotsky, é o brincar que leva a criança a desenvolver as funções superiores. “Para Vygotsky, na brincadeira o que se desenvolve são as funções superiores: a memória, a fala, os movimentos, a percepção e o pensamento. Se a criança não aprende a brincar, não desenvolve habilidades que a permitirão entender a leitura, por exemplo. Todo o processo de desenvolvimento psíquico da criança está relacionado ao brincar”, explicou Carlos Alberto, frisando que é preciso conscientizar os pais sobre essa relação.

Para estabelecer o elo entre a brincadeira e o desenvolvimento global do sujeito, o palestrante utilizou as ideias de Winnicott, que afirmou que o ato de brincar conduz aos relacionamentos grupais, promove saúde, ajuda a criar vínculos e sustenta o imaginário.

Em um dos momentos da apresentação, Mattos lembrou que no mundo moderno, o brincar ganhou um diferencial com a tecnologia e disse que hoje as crianças estão divididas entre o que chamou de brincadeiras com os games (digital) e a brincadeira livre (analógica).

“As duas são importantes, mas é preciso lembrar que os jogos vêm com uma programação pronta. A criança deverá cumprir tudo



Carlos Alberto: "Vivemos em uma sociedade de metas e a ideia das metas é tirar o máximo de cada pessoa"

o que já está predeterminado para zerar o jogo. Já na brincadeira digital, livre, a programação está aberta. Cada etapa será superada de uma forma. A transformação vai depender do que ela produzir", disse o especialista. Ele ressaltou ainda que brincar é a mais alta função de desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

Após mostrar a importância do brincar para o desenvolvimento das crianças, Carlos Alberto falou sobre a atividade no espaço de ensino. "A escola é um espaço privilegiado para aprendizagem e trocas e também para o desenvolvimento das relações interpessoais. Porém, em algumas situações, a brincadeira é vista como perda de tempo e isso é um equívoco que deve ser combatido. O brin-

"Os pais falam que a criança vai para a escola brincar, como se a brincadeira fosse algo desprezível"

car na escola é muito produtivo."

Ele alertou para um erro cometido por pais que veem na escola um lugar sistemático de aprendizado e consideram o jogo, o brinquedo apenas como um passatempo. "Os pais falam que a criança vai para a escola brincar, como se a brincadeira fosse algo desprezível. O momento livre é desprezado. Há uma compulsão para que todo o tempo seja preenchido e não podemos ver as coisas dessa forma. É na brincadeira que a criança desenvolve sua subjetividade", afirmou.

Os efeitos da sociedade sobre as crianças também foi abordado pelo especialista. Lembrou que o excesso de informação pode ser prejudicial. "Elas vivem com atenção dividida em inúmeros focos e são educadas e estimuladas em um processo de educação pulverizado que é consequência da sociedade de hoje, onde há muita informação e velocidade", destacou. Mattos encerrou a apresentação listando alguns problemas relacionados ao não-brincar.

"Na clínica, são comuns casos de dificuldade nos relacionamentos interpessoais, dificuldades para lidar com a frustração, imaturidade – quem não brinca não se desenvolve e quem não se desenvolve fica mais imaturo –, desinteresse escolar e social".